



Escritores, editores, livreiros e tradutores, os seus projectos e métodos de trabalho, são o objecto desta série de entrevistas, de periodicidade semanal.

Está a escrever um novo livro? Um romance. Interrompi porque deixei de fumar e estive mais de seis meses incapaz de fazer fosse o que fosse. Vou na segunda versão e conto publicá-lo em Novembro.

Quando começou?

Há quase dois anos, depois tive esta crise. Para quem fumava três maços por dia é uma coisa brutal. Não aconselho ninguém a deixar de fumar, a menos que tenha, como eu, um enfisema pulmonar...

Já tem título?

Não, os títulos vêm sempre no final. Quando penso um romance, estudo-o, planifico-o, mas já sei que vou saltar por cima daquilo tudo, porque a boa literatura vive muito de acasos. Sem anarquia não se escreve. De repente a mão salta para outra coisa e o que há a fazer é aproveitar. É aquilo a que a gente pode chamar a mão de Deus...

A mão de Deus?

Deus não ajuda. Suponho que ele não gosta de literatura, e tem razão, porque a maior parte da literatura também não tem consideração por ele e alguns, como eu, até o ignoram. Aquilo que eu chamo "a mão de Deus", com letra pequena, tem muita importância nos acasos que ocorrem, por exemplo, quando se está a tratar uma personagem e nos apercebemos que ela não gosta da gente. Então, a única coisa a fazer é ou deitá-la fora ou deixá-la correr como ela quer. Mas um dos prazeres da escrita é esse: os tais personagens que não se submeteram e que nós perseguimos, procurando descobrir a sua lógica interior.

Começa pela arquitectura do romance, por uma personagem especial, uma situação?

Há uma ideia, depois faço um plano e, às vezes, sobre esse plano começo a escrever bocados, uma fase para a qual esteja mais virado naquele momento. Depois vou corrigindo o esquema, à medida dos tais

José Cardoso Pires

"SEM ANARQUIA NÃO SE ESCREVE"

acasos, e começo pelo princípio. De um modo geral, quando começo já tenho muita coisa escrita. O romance tem muito de montagem, sou muito tocado pela montagem cinematográfica. E uma boa montagem não se faz sem uma boa dose de imaginação: a lógica da escrita é muitas vezes um empecilho terrível, repugna-me.

Guarda diferentes versões, notas, apontamentos?

Dos primeiros romances não, mas agora guardo. Um dia pensei que, se tivesse tempo, gostava de ver como é que tinha andado. Mas nunca fiz isso... Já tomei muitas notas, hoje não tomo. Penso que a memória clarifica: se você se esqueceu é porque não prestava.

Reutiliza o material que sobrou de um romance?

Tive essa pretensão durante anos, mas nunca encontro nada que me interesse. Guardo pela curiosidade de ver como cheguei a determinada coisa: é um jogo pessoal.

É indisciplinado a escrever?

Diz-se, e parece que é bom, que um escritor deve escrever todos os dias. Eu sou profundamente anárquico. O resultado é que sou um escritor bissexto. E só consigo escrever em casa. Em total solidão: quando estou a escrever um romance vou para a Caparica, sozinho.

Altera os seus hábitos?

Quando escrevo há uma coisa que nunca faço: beber. Não me apetece. E emagreço. Como menos e, quando estou na Caparica, eu faço a comida. Não bebo, mas fumo brutalmente e escrevo a qualquer hora. Sou capaz de estar sentado a uma mesa durante dez horas, sem o menor cansaço! Não gosto de barulho, nem ouço música. Evito ler, embora aproveite para pôr em dia certas leituras: poesia e, sobretudo, ensaio. Nada que tenha a ver com o que estou a escrever. Ficção não, senão começo a fazer comparações...

Sendo indisciplinado, o que é que o obriga a começar a escrever?

Há várias razões, mas nunca escrevo se não me sinto pressionado. Fiz a tropa e um irmão meu morreu num desastre de aviação militar: o meu desprezo pelos militares, que conservo, fez com que escrevesse um romance. Mas às vezes a pressão não é suficientemente forte e um livro acaba na gaveta, à espera da tal pressão. Sem ela, acaba por sair um romance por encomenda, que é uma coisa odiável.

Tem muitos livros na gaveta?

Tenho um romance, com umas 100 páginas dactilografadas, há uns cinco anos. Não tenho imaginação para continuar e é uma chatice, um tipo sente-se idiota: esteve meses a trabalhar numa coisa, convencido que tinha muito para dizer, e só quando se esgotou é que viu que não tinha nada...

Como é que são as suas relações com o editor?

Muito boas. Conheço-o há 20 anos e é um amigo pessoal.

Conversa com ele sobre os seus livros?

Sim, mas ele nunca me fez sugestões nenhuma, nem me pergunta quantas páginas tem o original. Isso passa-se na América. Em Portugal, o editor publica o livro, depois convida-nos para jantar e, a meio, talvez nos diga se gostou mais ou menos, mas fica-se por ali...

Não acha que isso releva da sacralização do acto de escrever e que os editores poderiam ser mais interventivos?

Admito que isso até poderia ser positivo, mas não é costume nosso. A sacralização é um refúgio da má consciência, mas também é evidente que se um editor quisesse emendar a minha prosa, não emendava: sou sagrado e isso eu não deixo! Porque sei mais do que o editor. O que ele pode dizer é que o que eu sei não lhe interessa para vender, mas isso é outra questão. ■